



Palavra da Direção

#OrgulhoFEN

A Direção da Faculdade de Enfermagem da UFG parabeniza e agradece



Professora
Bárbara Rocha



Professora Karina
Siqueira



Professora Patricia
Tavares



A Direção da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFG) parabeniza e agradece às professoras Bárbara Rocha, Karina Siqueira e Patrícia Tavares pela valiosa representação da FEN/UFG nos conselhos institucionais da Universidade.

Reconhecemos o empenho, a dedicação e o compromisso dessas docentes em fortalecer a presença e a voz da Faculdade de Enfermagem nos espaços colegiados da UFG. Sua atuação contribui de forma significativa para o fortalecimento da

gestão acadêmica, a defesa da qualidade do ensino e a construção coletiva de uma universidade cada vez mais democrática e comprometida com a excelência.

A Direção expressa seu profundo reconhecimento e gratidão pela relevante contribuição das professoras à nossa unidade e à comunidade universitária como um todo.

Mensagem pelo Dia dos Professores

#OrgulhoFEN

No mês dos Professores, a Direção da Faculdade de Enfermagem presta uma homenagem a todos(as) os(as) docentes que dedicam sua trajetória à formação de profissionais comprometidos com o cuidado, a ética e a transformação social.

Ser professor(a) de Enfermagem é um ato de coragem e compromisso. É ensinar para além das técnicas, é inspirar o olhar humano, crítico e sensível necessário ao exercício profissional. É enfrentar, todos os dias, os desafios de uma docência que exige atualização constante, escuta atenta e uma profunda responsabilidade.

Vivemos um contexto em que a educação e o trabalho docente ainda carecem do reconhecimento e valorização que verdadeiramente merecem. Ainda assim, nossos professores e professoras seguem firmes, cultivando o conhecimento e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e saudável.

Coordenação de Pós-Graduação *Stricto Sensu*

#PósGraduaçãoFEN

PPGENFS recebe visitantes da Universidad Cooperativa da Colômbia

Iniciativa expande redes de colaborações internacionais



Entre os dias 13 e 15 de outubro de 2025, o Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGENFS) da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN-UFG) recebeu uma comitiva da Universidad Cooperativa de Colombia, em uma iniciativa voltada à ampliação das ações de cooperação e à realização de visitas técnicas sobre práticas clínicas e de vigilância em todos os níveis de atenção do Sistema Único de Saúde (SUS).

O grupo, formado por docentes, estudantes e profissionais da área, visitou diversos setores de saúde de Goiânia, reforçando a projeção

internacional do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UFG.

O roteiro dos visitantes foi elaborado para proporcionar uma visão ampla e integrada do SUS. A imersão na Unidade de Saúde da Família Novo Planalto evidenciou a capilaridade e a relevância da atenção primária, considerada a porta de entrada do sistema. Em complemento, a visita ao Hospital das Clínicas da UFG possibilitou compreender a gestão dos serviços de alta complexidade.

Para o PPGENFS, a participação nesse intercâmbio vai além do fortalecimento de laços institucionais — representa a consolidação de sua vocação para a internacionalização. Ao compartilhar experiências e abrir espaço para o diálogo com parceiros estratégicos, o programa evidencia a qualidade de sua produção científica e sua integração com a rede de saúde, ao mesmo tempo em que se beneficia das trocas de conhecimento e da construção conjunta de novas possibilidades de cooperação.

Intercâmbio de experiências e primeiros diálogos

Para dar início às atividades, a recepção da comitiva colombiana foi conduzida pelas professoras Valéria Pagotto, Roxana Isabel Cardozo Gonzalez e Cristiana da Costa Luciano, na unidade da Faculdade de Enfermagem (FEN/UFG). A presença da delegação da Universidad Cooperativa de Colombia simboliza a abertura de novos caminhos para parcerias bilaterais, fundamentais para a formação de pesquisadores e

profissionais preparados para pensar a saúde em uma perspectiva global.

A reunião inaugural estabeleceu o tom dos dias seguintes: um diálogo franco e comparativo sobre as realidades da enfermagem nos dois países. Mais do que uma simples troca de experiências, a roda de conversa promoveu reflexões sobre os desafios e estratégias adotadas por Brasil e Colômbia para garantir o acesso e a qualidade do cuidado em saúde, com destaque para as ações de vigilância.

Na Secretaria de Estado da Saúde, os participantes tiveram contato direto com a Superintendência de Vigilância Epidemiológica e Imunização e com a Gerência de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis, compreendendo, na prática, como as políticas públicas de saúde são formuladas e implementadas em escala populacional. O itinerário também incluiu uma visita ao Hospital de Dermatologia Sanitária (HDS), que proporcionou uma visão aprofundada sobre a gestão de doenças crônicas e a aplicação da epidemiologia em um contexto especializado.



Revista Eletrônica de Enfermagem

#Pesquisa #ReeUFG

Série Entrevista - Cristiana da Costa Luciano

Editora associada da Revista Eletrônica de Enfermagem



A Revista Eletrônica de Enfermagem (REE), periódico científico de acesso livre vinculado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFMG), conta em sua equipe editorial com a professora Cristiana da Costa Luciano, referência na área de Enfermagem e dedicada à formação e pesquisa na saúde. Professora Adjunta da unidade, possui ampla formação acadêmica, incluindo graduação em Enfermagem pela UNAERP-SP, diversos títulos de especialização em áreas como Urgência e Emergência, Saúde Pública, Administração de Serviços de Saúde, Oncologia e Controle de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde, além de mestrado em Genética (PUC/GO) e doutorado em Enfermagem pela

FEN/UFMG, com período sanduíche no Canadá

Atualmente, é coordenadora do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* da FEN/UFMG, presidente da Comissão de Avaliação Docente Adjunto, coordenadora de especialização em Enfermagem em Centro Cirúrgico, e membro de grupos de pesquisa voltados à atenção a pacientes críticos e controle de infecções. Na esfera nacional, integra o Comitê de Endoscopia e a Diretoria da SOBECC.

Desde quando você produz para REE e o que a levou a aceitar o convite para fazer parte da equipe editorial da revista e, especificamente, assumir a função de Editora Associada? Quais motivações pessoais e institucionais estiveram envolvidas?

Estou inserida na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFMG) como docente do curso de enfermagem desde setembro de 2017 e inserida nas atividades como Editora Associada da Revista Eletrônica de Enfermagem (REE) desde fevereiro de 2023.

Os motivos pelos quais eu aceitei o desafio de ser Editora Associada da REE estão relacionados a cunho de desenvolvimento profissional. Essas atividades relacionadas a apoio editorial, gestão de conteúdo e revisão de qualidade são enriquecedoras na área da pesquisa científica. Como editora associada, desenvolvo atividades tais como; avaliação de manuscritos ou conteúdos submetidos da minha

área de domínio, acompanhamento do processo editorial, revisão e edição de texto, tomada de decisão editorial, planejamento e curadoria de conteúdo, supervisão de produção e publicação e gestão de equipe e comunicação.

O editor associado da REE tem grande importância na avaliação e relevância dos artigos científicos, na escolha dos revisores ad hoc especializados, na integridade ética e de conflitos de interesse e em acompanhar indicadores de impacto e qualidade da revista.

Como você caracteriza o ambiente e os processos de produção editorial da revista na unidade da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFMG)? Quais etapas você considera mais desafiadoras ou mais gratificantes?

Os processos de editoração da REE são bem organizados e possuem várias etapas desafiadoras, como por exemplo, gestão dos prazos de editoração, domínio da língua e normas editoriais, conhecimento do público e da linha editorial para identificação de pareceristas e habilidade de comunicação e mediação entre os autores e revisores.

Na sua visão, de que modo a atuação da revista contribui para a formação dos discentes, para a produção de conhecimento em enfermagem e para a visibilidade da FEN/UFMG dentro e fora da academia?

A REE fomenta a publicação de evidências científicas por meio de

artigos científicos de diversas áreas da enfermagem e saúde e com certeza isso soma positivamente na formação e desenvolvimento profissional dos discentes da graduação e pós-graduação, além de, possibilitar uma visibilidade da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFG) nacional e internacionalmente. As evidências científicas impactam também nas mudanças e melhorias da prática assistencial da enfermagem.

Considerando sua vivência como docente e editora, que competências você acredita serem indispensáveis para quem atua nesse campo editorial acadêmico de enfermagem e como essas competências podem ser desenvolvidas dentro da FEN?

Acredito que, para atuar no campo editorial acadêmico de enfermagem é necessário domínio da área de especialização científica, conhecimento de métodos de pesquisa e análise, familiaridade com indicadores e métricas científicas, capacidade de julgamento crítico e atualização constante.

Para o desenvolvimento das competências, acredito que, momentos de leitura de artigos, revisão sistemáticas, participação de congressos e grupos de pesquisa, cursos de metodologia científica e estatística, abordagem de ética na publicação científica, treinamento oferecidos pela REE referente ao controle editorial, sistema e planilhas, apresentação dos indicadores de desempenho da revista, cursos de indicadores bibliométricos e

acompanhar tendências editoriais internacionais.

Voltando o olhar para o futuro da revista, quais mudanças ou inovações você gostaria de ver implementadas — por exemplo, ampliação de escopo temático, internacionalização, uso de tecnologias digitais ou engajamento com a comunidade universitária e extensionista?

Para o futuro da revista eu desejo que seja implementado um cronograma de treinamentos para os editores com enfoque nas tendências de editoração científica nacional e internacional e de indicadores bibliométricos e a implementação de um sistema de gestão de editoração.

Revista Eletrônica de Enfermagem participa do 15º Congresso Internacional sobre Revistas Científicas (15º CRECS 2025)

Encontro é um espaço de referência para o debate sobre a comunicação científica



A Revista Eletrônica de Enfermagem (REE), vinculada à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN-UFG), esteve presente no 15º Congresso Internacional sobre Revistas Científicas (15º CRECS 2025), realizado entre os dias 8 e 10 de outubro, em Santiago, no Chile.

O evento, organizado pela Universidade de Tarapacá, em parceria com a Universidade Tecnológica Metropolitana e a Publicaciones Profesionales de Información (EPI), é um dos mais importantes espaços de discussão sobre editoração científica, reunindo, desde 2011, pesquisadores, bibliotecários e profissionais de periódicos de diversas áreas do conhecimento.

O encontro, que teve como tema “Inteligência aplicada à publicação de periódicos”, reuniu pesquisadores, bibliotecários e profissionais de editoração de diversos países da América Latina e da Espanha. Representando a Revista Eletrônica de Enfermagem (REE), participaram a editora executiva, Dra. Lillian Kelly de Oliveira, e o secretário, Rafael de Souza Ribeiro. A editora científica, Profa. Dra. Maria Márcia Bachion, reforça que a participação dos integrantes no congresso está alinhada ao planejamento estratégico da revista, que prevê ações contínuas de educação permanente da equipe editorial

Esta foi a primeira participação presencial de Rafael em um evento internacional de editoração — experiência que ele descreve como “uma oportunidade ímpar em um ambiente de vasto aprendizado”.

A Dra. Lillian ressalta que o 15º CRECS foi um espaço de aprendizado intenso e de atualização sobre tendências que impactam diretamente a gestão das revistas científicas. Segundo ela, “o congresso proporcionou diferentes aprendizados e apresentou aspectos importantes que podem contribuir para o fortalecimento da REE. Foram discutidos temas como a melhoria da qualidade editorial, a indexação eficaz em bases como Scopus, Web of Science, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Directory of Open Access Journals (DOAJ), o uso de Inteligência Artificial na editoração de artigos, além das políticas institucionais que regem a publicação científica e os desafios da Ciência Aberta”.

Durante o evento, a equipe da REE apresentou três trabalhos que refletem o compromisso contínuo da revista com a qualificação editorial e o avanço científico: “Ciência aberta: onde estamos e para onde iremos?”, “Rejeição de manuscritos na etapa de technical check e desk review: possíveis fatores contribuintes em uma revista científica brasileira” e “Ação editorial na qualificação futura de revisões da literatura: a experiência de uma revista científica brasileira”.

Avanços e aprendizados



Segundo Rafael de Souza Ribeiro, participar do 15º CRECS é fundamental para fortalecer as práticas editoriais e ampliar o diálogo com outras revistas científicas sobre os processos editoriais de publicações. “Esses eventos estão alinhados com a política de qualificação e aprimoramento da REE. Foi possível adquirir novos conhecimentos e trocar experiências com editores de diferentes países, o que amplia o nosso networking e contribui diretamente para o desenvolvimento da revista”, afirmou.

Entre os presentes estavam Abel L. Packer (diretor-geral da SciELO), Silvia Regina Galleti Queiroz (Associação Brasileira de Editores Científicos - ABEC), Piotr Trzesniak (Associação Latino-Americana de Editores Científicos - ALAEC) e Tomàs Baiget, idealizador do congresso. A REE também recebeu manifestações de interesse de pesquisadores estrangeiros em integrar o corpo editorial da revista, seja como editores associados, seja como consultores ad hoc, reforçando sua presença na comunidade científica internacional.

Os debates que mais chamaram a atenção, segundo Dra. Lillian Kelly de Oliveira, estiveram relacionados aos desafios de implementar integralmente a Ciência Aberta, especialmente no contexto das revistas científicas brasileiras. “Ainda há elementos em processo de discussão, como a ciência cidadã, a abertura de dados de pesquisa e a divulgação dos pareceres de consultores. Todos exigem bases éticas claras e preparo técnico da equipe editorial. Além disso, o uso da

Inteligência Artificial surge como uma ferramenta auxiliar importante, mas que também demanda diretrizes éticas e transparência no processo”, observou a editora executiva.

Novas parcerias e perspectivas



Durante o evento, a equipe da REE realizou visitas técnicas que abriram caminhos para futuras parcerias. A primeira, na Universidade Tecnológica Metropolitana (UTEM), mediada pela professora Wendolin Suárez Amaya, possibilitou diálogos promissores com representantes da SciELO, ABEC e ALAEC sobre a indexação da REE no portal SciELO, com apoio técnico de Silvia Galleti.

Outra visita importante ocorreu na Universidade Adventista do Chile (UNACH), onde o decano, Dr. John Carreño, demonstrou interesse em firmar um convênio com a FEN-UFG para a qualificação de docentes do curso de Enfermagem e a troca de experiências entre os laboratórios de simulação realística das duas instituições.

A partir das discussões do congresso, a REE pretende seguir aperfeiçoando suas práticas editoriais e políticas internas. “Embora já adotemos elementos da Ciência Aberta, ainda

estamos em processo de discutir e consolidar todos os seus aspectos éticos. O evento reforçou que a REE está no caminho certo: possui políticas bem estabelecidas e comprometimento com a ética e a transparência. Agora, avançamos na readequação de nossas diretrizes editoriais para alcançar a indexação na SciELO”, concluiu a Dra. Lillian.

Palavra dos Estudantes

#OrgulhoFEN

Nova gestão do Centro Acadêmico Andréa Ribeiro dos Santos toma posse na Faculdade de Enfermagem da UFG

Integrantes pretendem priorizar a reaproximação dos estudantes com o CA



A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFG) realizou no 23 de outubro a cerimônia de posse da nova gestão

do Centro Acadêmico Andréa Ribeiro dos Santos, entidade representativa dos estudantes da unidade. O evento aconteceu ao meio-dia, no auditório FEN/Fanut, e reuniu discentes e servidores.

Em seu discurso, o novo presidente do Centro Acadêmico, Rafael, destacou os desafios que a nova gestão pretende enfrentar. Segundo ele, o grupo pretende priorizar a reaproximação dos estudantes com o Centro Acadêmico e fortalecer o vínculo entre os discentes e as atividades da faculdade. “Acho que o principal problema que a gente vai ter que enfrentar na nossa instituição é o fato de muitos estudantes se afastarem. Esse vai ser o nosso principal foco”, afirmou.

A vice-presidente, Maria Tereza, reforçou em sua fala o compromisso do grupo com a continuidade das ações da entidade e agradeceu à comunidade acadêmica pela condução do processo eleitoral e pela receptividade. “Agradeço à comissão eleitoral pela condução obstinada do processo e à direção da faculdade pela forma acolhedora e transparente como tem conduzido a gestão. Nosso objetivo é manter viva essa entidade que é fundamental para a vida dos estudantes da Enfermagem”, declarou.

Maria Tereza também ressaltou a importância de uma atuação pautada pelo realismo e pela colaboração. “Nosso principal objetivo é executar o possível, antes do ideal. Fazer o que está ao nosso alcance, com responsabilidade e compromisso, é o que guia nossa proposta de gestão”, completou.

Compuseram a mesa de abertura a vice-diretora da FEN, professora Natália Del' Angelo Aredes; a vice-coordenadora de Graduação, professora Regiane Barreto; e a diretora eleita para a gestão 2026-2029 da Faculdade de Enfermagem, professora Heliny Carneiro. A cerimônia contou ainda com a presença dos demais integrantes da nova chapa, membros da comissão eleitoral, representantes da gestão anterior do CA, estudantes da unidade e servidores técnico-administrativos.

Com a posse, o novo Centro Acadêmico assume o compromisso de representar os estudantes da Faculdade de Enfermagem da UFG, fortalecer os espaços de diálogo e promover iniciativas que contribuam para a formação acadêmica e cidadã dos futuros profissionais de enfermagem.



Minha História na FEN

#FENMemória

Lílian Varanda Pereira

Fé, ciência e cuidado em cada passo



Com uma trajetória marcada pela dedicação à Enfermagem e pela fé que guia suas escolhas, a professora Lílian Varanda Pereira construiu uma carreira sólida no ensino, na pesquisa e no cuidado. Natural do interior de São Paulo, formou-se enfermeira na Universidade Federal de São Carlos e, desde então, tornou-se referência nas áreas de dor, feridas e espiritualidade em saúde.

Há mais de três décadas na docência, Lílian se define como uma profissional realizada — alguém que viveu a Enfermagem intensamente, muitas vezes se dedicando “dia e noite” à profissão. Para ela, a fé e a ciência caminham lado a lado: enquanto pesquisa o alívio da dor e o cuidado integral, ela também enxerga no amor e na espiritualidade um caminho para curar e ensinar.

Entre lembranças, desafios e conquistas, a professora reconhece a Faculdade de Enfermagem da UFG como um presente de Deus em sua vida. “Tudo o que tenho, e tudo o que vivi aqui, é bênção. A FEN cresceu, é respeitada, e acredito que isso também é obra de Deus”, afirma.

Professora, primeiramente, me conte um pouco da sua trajetória pessoal antes da profissional de enfermagem?

Sou filha de Antônia Rodolfo Varanda e Antônio Varanda, nasci em uma pequena cidade do interior de São Paulo. Meus pais nasceram e trabalharam na fazenda — eram lavradores e cuidavam da terra. Vieram da Itália e, com o tempo, meu pai se tornou comerciante na cidade, o que ajudou muito no crescimento da nossa família.

Estudei todo o ensino básico, o antigo primário, secundário e colegial nessa cidadezinha que nasci. Quando chegou a hora de fazer faculdade, fui para Ribeirão Preto fazer cursinho, mas acabei passando em Enfermagem na Universidade de São Carlos, cidade vizinha à minha, e lá comecei minha trajetória na profissão.

O que a motivou a escolher a Enfermagem como profissão e como essa escolha se transformou ao longo dos anos?

Acho que sempre gostei de cuidar — de pessoas, de animais, de tudo que precisasse de atenção. Lembro que quando algum bichinho aparecia machucado, era eu quem cuidava. Quando minha avó ficou acamada,

eu que ajudava minha mãe a cuidar. Então, de certa forma, esse gosto pelo cuidado sempre esteve em mim.

Meu pai queria que eu fosse médica. Quando passei em Enfermagem, no meio do ano, ele queria que eu continuasse o cursinho para tentar Medicina, mas era muito difícil para mim ficar em Ribeirão Preto. Apesar disso, eu gostava muito de estudar lá, aprendia coisas que nunca tinha visto na escola pública da minha cidade.

Na minha família era quase uma regra: terminar o colégio, fazer cursinho e entrar em uma faculdade pública, porque meu pai não tinha condições de pagar uma particular. Meus irmãos já tinham ido, e chegou a minha vez. Passei em Enfermagem na Universidade de São Carlos, cidade vizinha da minha, e decidi ficar. Meu pai queria que eu seguisse o sonho dele, mas acabei seguindo o meu — e hoje vejo que fiz a escolha certa.

Antes de chegar à UFG, sua trajetória já era marcada por experiências intensas na assistência e no ensino. Quais aprendizados desses períodos contribuíram para sua formação docente e humana?

Fiquei dez anos na assistência antes de vir para a docência. Comecei no hospital da minha cidade, onde trabalhei por seis anos. Nessa época, tive meus filhos — foram três gestações muito próximas —, então acabei ficando por lá mesmo. Era um hospital pequeno, com um ambulatório, mas onde aprendi muito. A prática era intensa, a

cobrança era grande, e isso me deu uma base sólida como enfermeira assistencial.

Depois fui convidada a trabalhar na Santa Casa de São Carlos, bem maior. Lá fiquei cinco anos e aprendi ainda mais, inclusive sobre gestão, porque acabei coordenando o serviço de enfermagem. Quando saí, uma professora da universidade, a Mizue Ogawara, me incentivou a fazer o mestrado. Eu nem pensava nisso, mas ela insistiu, me orientou e acabei indo — meio de paraquedas — para a USP de Ribeirão Preto, onde fui aprovada.

Toda essa experiência na assistência foi minha base quando entrei na docência. Sem ela, eu não teria conseguido. Não dá para ensinar apenas o que está nos livros — o aluno precisa ver a prática, sentir a vivência. E foi isso que levei para a sala de aula: o que eu sabia fazer, o que aprendi cuidando. Até hoje, trago essa essência do cuidado prático para o ensino, com o mesmo compromisso e respeito pelo que a enfermagem representa.

A senhora chegou à Faculdade de Enfermagem em 2006. Como foi esse início na FEN e quais foram suas primeiras impressões sobre a instituição e sua comunidade?

Sempre digo que vim para a FEN porque Deus quis — não foi só uma decisão minha. Eu não queria sair de onde estava, em Minas Gerais, na antiga FMTM (Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro) - hoje UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro) -, onde trabalhei por 13 anos e já tinha uma carreira

consolidada. Quando cheguei aqui, foi por transferência, não por concurso. Na verdade, foi minha filha quem entregou pessoalmente minha carta de solicitação ao então reitor, professor Edward Brasil. Depois o professor Marcelo Medeiros me procurou, dizendo que havia uma vaga na minha área. Eu não queria fazer concurso porque perderia meu cargo lá, e, além disso, já sentia que esse vir era um chamado de Deus. Ele até me mostrou o tempo certo — um ano —, e foi exatamente quando vim.

Mas, pouco depois, meu marido adoeceu gravemente, e precisei voltar para cuidar dele antes de assumir o cargo. Quando finalmente consegui vir, conheci a FEN, e digo que foi um presente de Deus. Não é apenas a minha casa — é um presente mesmo. Lá em Minas eu era feliz, mas aqui minha vida profissional desabrochou. Foi na FEN que comecei a fazer pesquisa, em 2007, e encontrei novas possibilidades de crescer.

No começo, sofri um pouco com a adaptação — Goiânia é muito maior, a vida aqui é diferente —, mas dentro da FEN sempre fui bem recebida. Claro, há desafios, especialmente quando você vem de fora e precisa conquistar seu espaço, mas aqui tudo deu certo.

Tive aprendizados duros também, mas faz parte. No balanço geral, só tenho gratidão. A estrutura da FEN melhorou muito, especialmente na última gestão, que trouxe mudanças significativas. As relações de trabalho também mudaram com o tempo. Digo que minha vinda para cá foi o

presente mais bonito que Deus me deu na vida profissional, e sigo aqui até o dia em que Ele disser que é hora de encerrar esse ciclo.

Sua pesquisa é reconhecida na área da dor e, mais recentemente, da espiritualidade. O que a levou a trilhar esse caminho e como a espiritualidade dialoga com o cuidado em Enfermagem?

Quando cheguei à FEN, tinha defendido minha tese - há poucos tempos - sobre dor e o desejo de seguir pesquisando nessa área. Mas também trazia uma bagagem grande em tratamento de feridas — e logo esse tema ganhou espaço aqui. Muitos professores me procuraram, e acabei ministrando aulas e palestras sobre o assunto.

Essas duas áreas, dor e feridas, sempre se ligaram muito à espiritualidade, tanto no sentido humano quanto científico. Hoje, a ciência reconhece o papel da espiritualidade no manejo da dor e no processo de cura, especialmente nas dores crônicas e na cicatrização.

Mas, para mim, a espiritualidade é algo que vai além da pesquisa. Desde os 35 anos, quando me converti, ela passou a ser o centro da minha vida. Eu sempre acreditei em Deus, mas depois da conversão minha relação se aprofundou. A minha fé é no Deus da Bíblia — o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó —, e é com Ele que caminho todos os dias. Isso guia minhas decisões, minhas pesquisas e até minhas relações dentro da universidade.

Falar de fé no meio científico, às

vezes, causa estranhamento, mas não me abalo. Eu vivo essa experiência diariamente. Já vi o quanto o espiritual influencia o biológico — e hoje até os grandes congressos reconhecem isso. O ser humano não é só corpo; é também espírito, e negar essa dimensão é negar parte do cuidado. Por isso, levo essa compreensão para tudo que faço, e pretendo seguir estudando teologia quando me aposentar.

Minha fé também influencia meu modo de ensinar. Tento agir com amor, como Jesus nos ensinou, mas confesso que nem sempre é fácil. Há momentos em que a paciência se esgota, e aí eu “puxo o chicote”, como costumo dizer. Alguns alunos não gostam, e eu já fui criticada por isso. Mas faço por acreditar que educar também é corrigir, e que o amor, às vezes, exige firmeza.

Hoje, ao olhar para minha trajetória, percebo que o mais importante não foram os títulos nem os cargos, mas as pessoas que se sentiram um pouco melhores porque eu pude ajudá-las — como enfermeira, professora e serva de Deus. É isso que realmente fica.

O que mais a motiva hoje, depois de tantos anos dedicados ao ensino, à pesquisa e à formação de novas gerações de enfermeiros(as)?

O que mais me motiva hoje é ver pessoas avançando, transformando suas vidas. Fico feliz quando percebo que pude contribuir, seja ensinando, orientando ou até falando de Jesus, como faço agora com você. Saber que algumas dessas conversas despertaram nelas uma nova visão,

uma fé, ou simplesmente o desejo de serem melhores, me traz alegria.

Também me motiva saber que, por meio das pesquisas, pude ajudar pessoas a lidarem melhor com a dor. Sempre quis que meus artigos e estudos servissem para isso: melhorar um pouco a vida de quem sofre. Tentei formar um grupo de pesquisa em dor aqui na faculdade, mas foi difícil manter algo contínuo. Esse é um ponto que ainda deixo em aberto, uma lacuna que espero que, no futuro, alguma das minhas ex-alunas — ou alguém que compartilhe dessa paixão — possa preencher e dar continuidade a esse trabalho.

#TBTdaFEN

#OrgulhoFEN

Um relato de cuidado em saúde mental em uma unidade prisional

Por prof. Douglas Nogueira



30 de setembro, último dia do mês. Encerrei minha participação no “Setembro Amarelo” falando para um público totalmente vestido de amarelo. Segundo o oráculo Google a cor amarela simboliza “a luz, calor, otimismo, alegria e criatividade, associada ao sol e à energia positiva, mas também pode representar prosperidade, juventude e a inspiração para o raciocínio e a comunicação”. Infelizmente, pelo menos inicialmente, eu só conseguia ver homens algemados, subjugados,

quebrados, intimidados pelo braço da lei que cuidava da nossa segurança, a polícia penal.

Quando iniciei minha fala, contando histórias que mostravam que o cárcere também era uma questão de perspectiva, que éramos próximos, apenas com escolhas e oportunidades diferentes, a luz e o calor da cor amarela começaram a aparecer. Risos contidos foram surgindo, olhares para o chão escondendo as lágrimas também foram permitidos, mesmo em um ambiente tão hostil a expressão de sentimentos. Estão respondendo por seus delitos, não podemos romantizar e fechar os olhos para o sofrimento das pessoas vitimizadas por cada um, mas podemos acreditar que o ser humano é um ser de possibilidades (essa fala é da Beth Esperidião!).

Acredito muito no poder transformador da educação, acredito que a virada de chave em um ambiente tão duro pode acontecer pela educação. O sistema prisional tem 1.800 alunos matriculados, da alfabetização ao ensino médio. Muitos não sabiam ler e escrever, ontem ficaram orgulhosos e emocionados com a possibilidade de declamar uma poesia. Quando pisei naquele solo não conseguia ver fatores de prevenção para o suicídio, antes de sair fui descobrindo possibilidades, e a educação e o desejo de reescrever uma nova história são os principais fatores de proteção.

Encerrei minha participação falando um pouco do autoamor, de aceitar e cuidar de si mesmo, reconhecendo

seus valores e necessidades, tratando-se com gentileza e compaixão, que eles não são o delito que os levaram ao cárcere, são e podem muito mais, não permitindo que o rótulo de detento os jogue em uma gaiola que poderá aprisionar suas almas.



#OrgulhoFEN

Professora da FEN defende seu memorial acadêmico para promoção à classe E

Ação integra o processo de promoção à professor titular da carreira do Magistério Superior, da UFG

A vida é composta por ciclos que transformam as pessoas e suas trajetórias. No dia 28 de outubro de 2025, a professora Dra. Roxana Isabel Cardozo Gonzales iniciou um novo capítulo em sua carreira docente ao defender seu Memorial Acadêmico no auditório FEN/FANUT. A defesa integra o processo de promoção à classe E — Professor Titular — da carreira do Magistério Superior,

conforme previsto pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Goiás.



Na elaboração do Memorial, a professora Roxana revisitou toda a sua trajetória até o momento atual, refletindo sobre o caminho percorrido e os aprendizados acumulados ao longo dos anos. Segundo ela, esse processo foi marcado por um profundo sentimento de gratidão pelo apoio recebido em suas propostas, ideias e trabalhos desenvolvidos nas áreas de assistência, ensino, pesquisa, extensão e gestão. “Foi uma caminhada marcada pelo compromisso com a Enfermagem, com o sistema de saúde, com a saúde das pessoas e com o ensino superior público — sempre pautada pela ética, pela responsabilidade

social e pela busca constante pela qualidade”, destaca a docente.

A promoção à classe de professora titular é um dos momentos mais significativos da carreira docente. Segundo a docente, “alcançar a promoção à classe de professora titular é mais do que um marco administrativo. Representa, ao mesmo tempo, um reconhecimento e um autorreconhecimento do trabalho, das contribuições e da trajetória docente. Trata-se de um raro momento em que o professor é convidado a revisitar sua caminhada e refletir sobre as inúmeras atividades desenvolvidas no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão, apreciando o exercício da docência realizado com responsabilidade, dedicação, estudo contínuo, resiliência e compromisso inabalável com a educação pública de qualidade.”

Para ela, esse compromisso ultrapassa os limites institucionais e reafirma o papel transformador da universidade pública. “Penso que não podemos esquecer que o exercício da docência deve ser continuamente orientado por ações em defesa de uma formação ética, crítica e socialmente comprometida, de modo a fortalecer, de forma concreta, o papel transformador da universidade pública”, completa.

Trajetoária

A trajetória da docente é fortemente marcada pela sua atuação no campo da saúde coletiva. A pesquisa foi fortemente voltada para a atenção a pessoas com tuberculose,

especialmente entre populações em situação de vulnerabilidade. Roxana compartilha os principais aprendizados dessa atuação: “Minha trajetória na saúde coletiva com ênfase na atenção primária e na atenção a pessoas com tuberculose, especialmente junto a populações em situação de vulnerabilidade, foi marcada por aprendizados que transcendem o campo científico e alcançam dimensões humanas, éticas e sociais. Trabalhar nesses contextos permitiu compreender, de forma profunda, que o adoecimento não é apenas biológico, mas resultado direto de determinantes sociais, desigualdades estruturais e barreiras históricas que limitam o acesso à vida digna e ao cuidado em saúde.”

Ela ressalta que a escuta atenta e o reconhecimento das histórias e territórios das pessoas foram elementos fundamentais em sua trajetória: “Aprimorei minha capacidade de ouvir e acolher as pessoas, reconhecer suas histórias e compreender seus territórios são elementos fundamentais para, de alguma maneira, contribuir na construção de práticas de cuidado mais humanas, sensíveis, qualificadas e orientadas à realidade cultural e social das pessoas. Ao longo da minha trajetória compreendi que a produção de conhecimento deve estar alinhada a um compromisso ético-político com a equidade, com a defesa do Sistema Único de Saúde e com a promoção da justiça social, incluindo o direito à saúde.”

Internacionalização

Roxana tem contribuído ativamente para a internacionalização da FEN e para o fortalecimento de redes colaborativas de pesquisa. Sobre esse papel e o da cooperação científica na Enfermagem, ela reforça que esse processo vai além de uma estratégia institucional: “Penso que um ponto de partida para falar sobre a cooperação internacional seja acreditar na internacionalização — acreditar que ela fortalece a capacidade crítica dos profissionais no âmbito local, nacional e internacional, amplia horizontes de análise e consolida redes que impulsionam a inovação e a excelência acadêmica.”

A professora recorda com satisfação as experiências vividas nesse campo, especialmente durante sua atuação como presidente da Comissão de Internacionalização da Faculdade de Enfermagem. “Contribuí para ampliar oportunidades de diálogo acadêmico, mobilidade e cooperação científica, inicialmente com universidades da América Latina e, posteriormente, com instituições de outros continentes. Registro com alegria a capacidade de solidariedade, reciprocidade e cooperação do PPGENFS da FEN/UFG com suas instituições parceiras de ensino superior, destacando, em especial, a Universidade Peruana Cayetano Heredia, em Lima, Peru, na qual o PPGENFS contribuiu de maneira decisiva para a elaboração do curso de doutorado em Enfermagem, fortalecendo significativamente a formação acadêmica e a pesquisa na área”, afirma.

Para ela, a internacionalização também reforça a valorização das potências locais. “Essa trajetória me permitiu reconhecer e valorizar as potências do ensino, da ciência e da Enfermagem em cada contexto. Considero importante ressaltar que, para que a internacionalização seja efetiva, é imprescindível combinar rigor científico com sensibilidade cultural, criando caminhos inovadores que potencializem a formação, ampliem a pesquisa colaborativa e reafirmem o direito universal à educação e à saúde.”



FEN/UFG integra celebração nacional dos 15 anos da UNA-SUS

Parceria fortalece a formação e a educação permanente de profissionais de saúde em todo o país



Em outubro de 2025, a Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UNA-SUS) completou 15 anos de criação, promovendo uma série de atividades comemorativas em todo o país. Instituições de ensino superior que integram a Rede UNA-SUS participaram da celebração, reforçando o compromisso coletivo com a formação e a qualificação dos profissionais do SUS. A Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio da Faculdade de Enfermagem (FEN) e da Liga Acadêmica Multiprofissional de Cuidados Paliativos (LAMCP/FEN-UFG), também marcou presença nessa programação.

No dia 24 de outubro, data instituída como o “Dia D UNA-SUS”, a Rede promoveu ações em todo o território nacional. Na UFG, a liga realizou, dia 28 de outubro, uma atividade em alusão ao Dia Mundial dos Cuidados Paliativos, envolvendo estudantes e profissionais da área da saúde em um momento de troca e sensibilização sobre a importância do cuidado integral e humanizado no hall de entrada do Hospital das Clínicas da UFG (HC/UFG).

A ação teve como tema “Árvore da Compaixão: Semear conhecimento e construir sentidos em Cuidados Paliativos”, convidou os participantes a conhecer o conceito de cuidados paliativos por meio de dinâmica “Mitos e Verdades”, e registraram em folhas ou frases o que esse cuidado significa para eles, fixando suas reflexões em uma árvore simbólica que ficou exposta no local.

De acordo com a professora Dra. Silvana de Lima Vieira dos Santos, coordenadora da LAMCP e

responsável pela Coordenação UFG–UNA-SUS, a parceria entre as instituições teve início antes de 2019 e vem se consolidando ao longo dos anos. “Essa cooperação reforça o compromisso da UFG com o fortalecimento do SUS e com a democratização do acesso ao conhecimento em saúde por meio da educação a distância”, afirma.



Rede de colaboração

Participar de redes colaborativas como a UNA-SUS, segundo a coordenadora, é essencial para integrar o ensino, a pesquisa e a extensão às demandas reais da sociedade. Criado em 2010 pelo Ministério da Saúde, em parceria com a Fiocruz e a Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES/MS), a UNA-SUS tem como missão atender às necessidades de capacitação e educação permanente dos trabalhadores do SUS. Atualmente, a Rede é composta por 35 instituições de ensino superior, responsáveis por mais de 550 cursos gratuitos e a

distância, totalizando mais de 10,8 milhões de matrículas (dados de agosto de 2025).

Na UFG, a parceria envolve docentes, técnicos e discentes, com destaque para as iniciativas voltadas à Saúde Digital. Entre elas, está o Programa Educacional em Saúde Digital, que oferece cursos de especialização e microcursos voltados à qualificação de profissionais, gestores e estudantes da área da saúde.

Essas ações são planejadas conforme as necessidades do sistema público e da população, abrangendo desde cursos de extensão até pós-graduações. A UNA-SUS também é responsável por importantes plataformas de acesso ao conhecimento, como o Acervo de Recursos Educacionais em Saúde (ARES) — o maior repositório digital da área na América Latina — e a Plataforma Arouca, que reúne dados sobre trajetórias formativas de profissionais do SUS.

Silvana ressalta que a inserção da UFG na Rede UNA-SUS tem trazido benefícios significativos: “Essa parceria amplia o alcance da formação e do aperfeiçoamento de profissionais em todo o território nacional, contribuindo para a disseminação de práticas inovadoras e para o fortalecimento da transformação digital na saúde”.



Outubro marca dois grandes eventos da Faculdade de Enfermagem da UFG

Trocas de experiências, aprendizados e vivências marcaram um mês dedicado à promoção da saúde em todas as suas dimensões

O mês de outubro foi de intensa movimentação e conquistas na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFMG), que promoveu dois grandes eventos voltados ao fortalecimento da saúde pública, do cuidado integral e da integração entre ensino, pesquisa e extensão. A comunidade acadêmica e profissionais da área se reuniram no 6º Encontro Goiano de Saúde Mental e na IV Jornada de Práticas Integrativas em Saúde, ambos reafirmando o compromisso da Unidade com a promoção do bem-estar, o diálogo entre saberes e o cuidado humanizado.

6º Encontro Goiano de Saúde Mental



Entre os dias 8 e 10 de outubro, o Centro de Eventos Professor Ricardo Freua Bufaiçal, no Câmpus Samambaia, foi palco do 6º Encontro Goiano de Saúde Mental, promovido pela FEN/UFMG em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde de Goiás (SES-GO), por meio do grupo RECID. Com o tema “Fazer juntos para cuidar melhor”, o evento reuniu mais de 600 participantes, ampliando em 50% o público da edição anterior.

A programação contou com conferências, oficinas, apresentações de trabalhos e espaços culturais que fortaleceram o diálogo entre universidade, serviços públicos e comunidade. A coordenadora do evento, a professora Dra. Camila Caixeta, destacou o caráter plural do encontro e a importância de integrar conhecimento, cuidado e política. Para ela, “a cada edição, reafirmamos o compromisso coletivo com um cuidado em liberdade, inclusivo e de qualidade”.

A gerente de Saúde Mental da SES-GO e também docente da FEN, Nathália Silva, ressaltou o impacto do evento na qualificação dos profissionais da rede. “Esses encontros fortalecem a compreensão sobre o papel transformador das práticas em saúde mental e renovam o compromisso dos profissionais com o cuidado humanizado”, afirmou.

A edição também se destacou pela participação ativa de usuários dos serviços de saúde mental, reafirmando o protagonismo das pessoas em sofrimento psíquico e o lema de que “trancar não é tratar”.

IV Jornada de Práticas Integrativas em Saúde



Nos dias 10 e 11 de outubro, a FEN recebeu a IV Jornada de Práticas Integrativas em Saúde (PIS), organizada pelo Ambulatório de Práticas Integrativas em Saúde (AmbPIS/FEN-UFG). Com o tema “Práticas de saúde que unem tradição e ciência para o futuro do planeta”, o evento abordou a relação entre as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) e a Saúde Planetária, unindo ciência, ancestralidade e sustentabilidade.

A coordenadora do evento, professora Cynthia Assis de Barros Nunes, ressaltou que esta edição ampliou o debate ao incluir apresentações científicas e palestrantes de outros estados, com o apoio da FAPEG, da ABENAH e do Instituto Confúcio de Medicina Chinesa da UFG. “Buscamos promover reflexões sobre o cuidado

integral e sustentável, resgatando práticas ancestrais como instrumentos de promoção da saúde e da vida”, afirmou.

A Jornada contou com minicursos práticos, momentos culturais, rodas de dança e conversas, além da apresentação de trabalhos científicos. Ao final, foram premiados os cinco melhores trabalhos e homenageados colaboradores que contribuíram com o fortalecimento do AmbPIS.

Tanto o Encontro Goiano de Saúde Mental quanto a Jornada de Práticas Integrativas reafirmam o papel da FEN/UFG como referência em formação humanizada, produção científica comprometida com o bem comum e extensão universitária transformadora. Em ambos os eventos, docentes, discentes, técnicos e comunidade compartilharam experiências e saberes que fortalecem a missão da Faculdade: cuidar de pessoas, promover saúde e transformar realidades.

#FENPresente

Projeto Saúde Quilombola conclui etapa de coletas biológicas em 39 comunidades Kalunga

Para o próximo ano, estão previstas feiras comunitárias de saúde

O projeto Saúde Quilombola: Cuidar para Resistir, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Epidemiologia e Cuidados em Doenças Transmissíveis e Agravos à Saúde Humana (NECAIH) da Faculdade de Enfermagem (FEN) da Universidade

Federal de Goiás (UFG) em parceria com o Governo de Goiás, concluiu neste mês de outubro a etapa de coleta de material biológico e realização de testes rápidos nas comunidades quilombolas do Território Kalunga. Desde junho deste ano, as equipes do projeto percorreram as 39 comunidades distribuídas nos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, promovendo ações de cuidado, escuta e integração entre universidade, serviços de saúde e comunidade.



A etapa contou com o apoio fundamental das gestões municipais e das secretarias de saúde dos três municípios, além da Secretaria de Estado da Saúde de Goiás, da Associação Quilombola Kalunga (AQK) e das lideranças locais, que contribuíram de forma decisiva para o êxito das atividades.

O envolvimento da comunidade Kalunga foi essencial para garantir que as ações fossem conduzidas de maneira respeitosa, participativa e culturalmente sensível.

O projeto reúne docentes, técnicos e estudantes da UFG, que têm trabalhado de forma interprofissional na promoção da saúde e valorização dos saberes tradicionais. A iniciativa tem se destacado como um exemplo de integração entre pesquisa, ensino e extensão, fortalecendo a presença da universidade pública nos territórios quilombolas e contribuindo para a equidade em saúde.

Com o encerramento da fase de coletas, o projeto inicia agora a etapa de análises laboratoriais, que permitirá compreender melhor as condições de saúde das comunidades visitadas. Os resultados subsidiarão ações futuras e políticas públicas voltadas à atenção integral e ao fortalecimento do cuidado nos territórios quilombolas.

Para o próximo ano, estão previstas feiras comunitárias de saúde nas comunidades Kalunga, com oferta de serviços de prevenção, promoção e educação em saúde, reforçando o compromisso do projeto com o retorno social e o diálogo contínuo com as comunidades.

O projeto reafirma, assim, o papel da UFG e de seus parceiros institucionais na defesa da vida, no respeito à ancestralidade e na promoção da saúde como direito de todos e todas.

Aniversariantes do mês

#OrgulhoFEN

Outubro

07/10 Técnica em
Secretariado
Raleide dos Santos



27/10 Assistente em
Administração
Daniela Robalo



08/10 Professora
Thaíla Castral



28/10 Professora
Cynthia Assis



12/10 Cozinheiro
Mauro Sebastião



30/10 Assistente
em Administração
Dayse Bellas



25/10 Professor
Marcelo Medeiros



31/10 Professora
Ana Elisa Bauer



Equipe Editorial:
Eduardo Almeida
Jayme Leno

Comissão de Comunicação da
Faculdade de Enfermagem da
Universidade Federal de Goiás

(62) 99656-7033
comunica.fen@ufg.br

